

Problemas com anglicismos e germanismos no registo das entradas de um dicionário de português

Jürgen Schmidt-Radefeldt

Tome-se como ponto de partida a seguinte definição de anglicismo ou germanismo que, própria do âmbito da descrição lexicográfica duma parte do léxico de uma língua, abrange e compreende também, simultaneamente, fenómenos processuais. A definição tem em vista por um lado, a um nível estático, um vocabulário parcial de termos particulares da língua portuguesa e, por outro lado, partindo duma perspectiva dinâmica, visa igualmente fenómenos ou processos de integração e assimilação de elementos de uma língua estranha e estrangeira num dado sistema linguístico.

Um *anglicismo* (ou *germanismo*) é um termo ou expressão linguística de origem anglo-americana (ou alemã) que é considerada genuína, e usada como tal, num sistema reconhecidamente português; essa expressão ou termo pode ter, ou não, a sua forma total ou parcialmente «aportuguesada». A par do critério da possibilidade de reconstrução *formal* retrospectiva deste género de termos em relação à sua origem, devem, do mesmo modo, ser compreensíveis as possibilidades de reconstrução *semântico-conceptuais*, em particular de todos os casos de decalque. Para uma delimitação deste conceito de anglicismo/germanismo há ainda que precisar que (para que a globalidade das *formas ocorrentes*, enquanto elementos da língua, se tornem compreensíveis) se pode ir desde o afastamento ou demarcação do termo estrangeiro através de aspas ou itálico, num plano ortográfico, ou através de uma pausa, num plano fonético, até uma total assimilação dos termos pelo sistema do português («aportuguesamento»).

Gostaria agora de reflectir sobre alguns problemas e pontos de vista sugeridos pelo *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos* que, em conjunto com uma colaborado-

ra, preparo há já alguns anos¹. Nesse sentido, gostaria de chamar a atenção para os seguintes temas e problemas:

1. o problema da datação
2. a transcrição fonética
3. a informação semantáctica e morfológico-gramatical
4. a definição do sentido e o limite contextual
5. a situação dos germanismos num âmbito cultural e linguístico
6. a questão dos exemplos no registo das entradas
7. a lexicografia bilingue

Quando se tem como objectivo coligir um *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos* compila-se uma apreciável série de unidades lexicais, ficando esboçado um tipo muito particular de dicionário. Trata-se então de um *Wörterbuch markierter Wörter*, como F. J. Hausmann, no *Handbuch der Lexikologie* (1985, 390), o classificaria quer dizer, um dicionário especial que, por um lado, escolhe e recolhe, do vocabulário dos dicionários portugueses, lexemas com uma origem etimológica específica (do al. ou do ingl.). Paralelamente a esta inventariação histórico-documental, pretende-se também, prioritariamente, obter uma percepção actualizada do português e do brasileiro contemporâneos: *procura-se abranger um desenvolvimento contínuo*. Assim, este dicionário deveria ser considerado como *polifuncional*, já que é, simultaneamente, uma espécie de dicionário de estrangeirismos ou de neologismos, que pode ser útil ao utilizador (e em particular àquele que possui ínfimos ou mesmo nenhuns conhecimentos de inglês ou alemão) como um dicionário de palavras difíceis ou pouco usuais, ou mesmo como ajuda orientadora em campos técnicos e científicos especializados: o interesse do utilizador está em primeiro plano. No que diz respeito aos neologismos terão que ser considerados critérios morfosintácticos, fonéticos e semânticos, sensivelmente conforme Alves (1984) refere.

1. O problema da datação

A datação exacta da "primeira vez" que são (ou foram) usadas palavras de origem anglo-americana ou alemã é, dum ponto de vista lexicográfico, um empreendimento sempre bastante trabalhoso e incómodo, dado não existirem corpus de textos e documentação fiáveis que possam ser consultados. A datação insuficiente e a falta de dicionários básicos que registem a data do primeiro uso de neologismos mostra, duma forma evidente, a situação precária da lexicografia luso-brasileira. Com respeito à datação dos termos técnicos das ciências naturais cf. Messner (1990).

1. O *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos*, que regista por um lado todos os anglicismos e germanismos presentes nos dicionários portugueses actuais, assim como os presentes no uso corrente e contemporâneo do português, tem sido compilado em conjunto com Dorothea Schurig e está neste momento a ser trabalhado num programa de processamento de texto. A Fundação Gulbenkian, bem como a Pädagogische Hochschule de Kiel apoiaram parcialmente este projecto.

O *Dicionário de Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1973) é caso único ao dispor, pela primeira vez, de documentação em relação a muitas palavras. Por um lado, os dicionários, como o da Academia das Ciências de Lisboa (1976) ou, ocasionalmente, também o de Aurélio (1965), fornecem documentação exemplificativa para cada lema, exemplos esses que são textos retirados da prosa literária ou ensaística luso-brasileira (isto é, literatura/língua escrita) sendo, no entanto, as informações todas actuais, como se pode observar pela bibliografia no final do dicionário (se é que a bibliografia tem alguma utilidade neste sentido); por outro lado, tem de se recorrer a estes dicionários (como p. ex. os de Nascentes, Sequeira, Machado, e Aurélio entre outros) se se quiser datar o surgimento dos anglicismos, ou seja, o ano de publicação destas obras tem muitas vezes que ser tomado como ponto de referência temporal, provisório mas fundamental.

Contudo, é ainda assim possível fixar uma primeira data, *aproximada*, para a ocorrência de palavras e expressões de origem anglo-americana e alemã, seja, como ficou dito, a partir de uma das fontes lexicográficas referidas, seja a partir do conceito a que o termo se refere, por pertencer e se integrar numa determinada época ou ano (p. ex. *Ostpolitik*), seja, finalmente, como fizemos para os anglicismos na preparação do dicionário a que nos temos vindo a referir a partir do português actual e contemporâneo veiculado por revistas, jornais e semanários: convirá porém, sem dúvida, ter sempre presente que qualquer tentativa de fixação de uma data apresenta dificuldades, incertezas, interferências de variadíssima espécie e desvios (por vezes através do francês, quando se pretendem detectar os germanismos, outras vezes através do brasileiro, quando se pretendem observar os anglo-americanismos no português europeu).

A título experimental gostaria de dividir a entrada lexicográfica de anglicismos no Português em 3 fases, permitindo-nos assim fazer uma reconstrução cronológica deste tipo de vocabulário:

I. Sem que seja possível apontar uma data certa e documentação segura, surgem alguns anglicismos no decorrer do séc. XIX, como se pode comprovar; estão entretanto totalmente aportuguesados e fazem parte integrante do vocabulário português. Alguns exemplos:

- *naifa*, «navalha», «faca» aparece documentado em Michaelis (1887) assim como *naifada* «golpe de navalha». Este último termo é classificado por Costa/Melo como linguagem “popular” e por Cândido de Figueiredo como “gíria”; não surge nem em Aurélio nem em Lello.
- *lanche*, *lanchar*, *tomar um lanche* «pequena refeição, entre o almoço e o jantar», documentado desde Michaelis.

- *bife*, «fatia de carne, batida ou picada, e assada em grelha, ou frita». *Deprecia-tivamente*: Qualquer indivíduo inglês» encontra-se em Michaelis com a variante *bifesteque* (ou também *bifteck*) quaisquer dos termos ainda hoje em uso. Nesta época surgem ainda palavras como *bote*, *(h)iate*, *club(e)*, *confortável*, *grog(ue)*, *dandy*, *desporto*, *cricket*, *uiste (whist)*, *tramvei* e *puddim* entre outras.

II. Uma segunda época de ocorrências de anglicismos no português remonta à primeira metade do séc. XX (1910-1960); também nesta época se encontram conceitos da *English way of life*, sobretudo na área do desporto. Um exemplo: *goal* > *gole* > *gollgolo*.

- *golo*, «no futebol e outros jogos, ponto obtido por um dos grupos de jogadores, quando a bola penetra nas redes»; em Michaelis *golo* não está ainda documentado. A esta segunda fase de anglicismos pertencem palavras como *queque*, *coquetel*, *bar*, *clan*, *breque*, *sanduíche*, *hockey (oquí)*, *(h)andebol*, *futebol*, *voleibol*, *beisebol*, *útsque*, *náilon* (depois de 1938) e *jóquei* entre muitas outras.

Exemplares em relação ao empréstimo de um conceito alemão (internacionalmente aceite) são, no português do Brasil, os termos *fusca*, *fusquinha*, *fuscão* («Käfer», Käferchen», «Riesenkäfer») para os vários tipos de Volkswagen (1300, 1200 e 1500).

III. Uma terceira época de surgimento de anglicismos no português verifica-se com a abertura tecnológica e económica do país a partir de 1970, depois de Salazar e da «Revolução dos Cravos». Com novos produtos (nas áreas económica, técnica e informática) surgem em Portugal novos termos e novos conceitos. Em qualquer caso deverá também aqui ser notado que, para além das mudanças políticas do país, ou independentemente destas, surgem pontualmente no português europeu anglicismos provenientes e adoptados no Brasil. Assim, o próprio Aurélio, publicado em 1965 no Rio de Janeiro, pode ter influenciado o desenvolvimento e a aceitabilidade (e aceitação) de anglicismos em Portugal. A este respeito, apenas dois exemplos:

- *líder*, 1. Indivíduo que chefia, comanda e/ou orienta, em qualquer tipo de ação, empresa ou linha de ideias. 2. Guia, chefe, ou condutor que representa um grupo, uma corrente de opinião, etc. 3. *Retórica*: O representante de uma bancada parlamentar numa assembleia. 4. Indivíduo, grupo ou agremiação, que ocupa a primeira posição em qualquer tipo de competição: O Flamengo é o *líder* do campeonato. (Pl.: *líderes*. Cf. *lideres*, do v. *liderar*).
- *liderança*, 1. Função de líder. 2. Capacidade de liderar: espírito de chefia. 3. Forma de dominação baseada no prestígio pessoal e aceita pelos dirigidos.

- *liderar*, V. transitivo d. 1. Dirigir na condição de líder (1 e 3). 2. Ocupar a posição de líder (4) em (qualquer posição): *Este candidato lidera as pesquisas de opinião pública*. (Pres. subj.: lidere, líderes, etc. Cf. *líderes*, pl. de *líder*.) (Aurélio, p. 837).

Nesta fase surgem também exemplos que mostram que uma palavra já existia no sistema linguístico, adquirindo porém, no presente, um novo sentido tecnológico através da interferência anglo-americana:

- *implementar* (De *implemento*+ -ar) V.t.d. 1. Dar execução a (um plano, programa ou projeto) 2. Levar à prática por meio de providências concretas. 3. Prover de implemento(s).
- *implemento* (Do ingl. *implement*) S.m. 1. Aquilo que é indispensável para executar alguma coisa; apresto, petrecho. 2. Cumprimento, execução.²
- *implementação*, S.f. Ato ou efeito de implementar. (Aurélio, p. 746)

O uso corrente e comum da linguagem apresenta-se especificado tecnologicamente por meio de definições como estas, que entretanto avançaram, de forma que uma informação detalhada do sentido, tal como Aurélio fornece, se torna necessária. Este lema não está registado em dicionários anteriores, e em Klare (1986) encontra-se com a indicação da sua ocorrência em Moçambique ou Angola, sem, porém, que seja notado *expressis verbis* o seu significado tecnológico na área informática. A transcrição lexicográfica do conceito só pode seguir o progressivo e rápido desenvolvimento na área da técnica com um considerável atraso, sendo este também, um dos motivos que leva à compilação de dicionários especiais. Exemplos desta 3ª fase de anglicismos seriam:

penalty, video-clip, lay-off, roll-on, slot-machines, briefing, dumping, holding, self-service, leasing, show-business, stop and go, talk-show, top-secret, squash, weekend,

2. Um purista como A. Silveira (1952: 371) considerava ainda a palavra *implemento* (do ingl. *implement*), no seu sentido de «apresto», «petrecho», prescindível (*condenável*, escrevia ele de facto) e propunha *instrumento* para a substituir. Em todo o caso foi levado a reconhecer que não é fácil distinguir entre *anglicismos bons e maus, úteis e inúteis*. Em consequência adoptou a perspectiva que os critérios dos lexicógrafos dependem das «tendências» dos mesmos, verificando(-se) que os lexicógrafos mais novos mostravam uma maior liberalidade em relação aos anglicismos (1952: 371). Num ensaio posterior (Silveira, 1960: 344) distingue então anglicismos necessários, úteis, inúteis e nocivos. No que respeita ao sentido técnico actual de implementação (de um sistema), Chandor (1970; 1977, p. 218) dá a seguinte definição: «O processo de conduzir um projecto de sistema, incluindo a investigação inicial e concepção, seguidos de programação, testes e programas, sistema piloto, execução paralela e revisão do sistema obtido». Os conceitos técnicos especializados que surgem nesta definição são depois, por seu lado, definidos no mesmo Chandor, que toma o vocabulário especializado como um sistema que faz parte de uma «network» conceptual.

charter, check-up, contentor (<container), *pace-maker, software, hardware, breeding, tee shirt, boat people* e *bypass* entre muitos outros. (Mais exemplos em Schmidt-Radefeldt 1986, 280; 1988, 36).

Se se quisesse ordenar, quantitativa e cronologicamente, a quantidade de neologismos introduzidos no lusobrasileiro por intermédio do alemão, verificar-se-ia que estes são em menor número e sobretudo pontuais: as referências culturais e históricas e a posição de valor dos germanismos caem percentualmente face aos anglicismos, dificultando assim uma sistematização.

2. A transcrição fonética

Se um dicionário de anglicismos e germanismos deveria fornecer a pronúncia dum lema, e o modo com o deveria fazer, em transcrição fonética (ou pseudo-fonética) é uma questão ainda em aberto. O dicionário de Aurélio, que em relação aos anglicismos e germanismos estabelece uma forma ortográfica de *auctoritate lexicologica*, acrescenta ainda ocasionalmente (entre parêntesis) uma variante pseudo-fonética. Veja-se, p. ex., *anschluss* [ánxluç], *blitz* [blits], *blitzkrieg* [blitskriç], *kirsch* [kirx], *kitsch* [kitch], *krach* [kráh], *Kümmel* [cumel], *lied* [lid], *Kierkegardiano* [quir], *Nietzchiano* [nitxi], *Kitchenette* [kitxenet].

Se bem que o dicionário de Aurélio, moderno e progressivo na recolha de «estrangueirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária» (Aurélio, 1975, p. VIII), recorra, no que respeita à codificação, aos Decretos sobre a ortografia de 1940 e 1942, também não deixa de considerar a integração dos neologismos uma problemática que não pode passar despercebida; uma «pronúncia duvidosa» é, por vezes, de aceitar, o que explica a indicação de variantes, uma vez que se considera que «há mais de uma pronúncia legitimada pelo uso ou pela etimologia» (Aurélio, 1975, p. VIII).

Ora a maior parte dos dicionários partem justamente do princípio que o utilizador escolarizado não é, por isso mesmo, nenhum analfabeto. Mas que conhecimentos de língua estrangeira, que capacidades de articular palavras inglesas ou alemãs partindo apenas da escrita, pode o lexicógrafo presumir que o possível utilizador do dicionário tem? A par de anos e anos de contactos culturais com os espaços linguísticos galo e ibero-românicos, são raras, em Portugal, as hipóteses de formação em termos do inglês e ainda menos em relação ao alemão. No Brasil, ao contrário, os contactos linguísticos, culturais, económicos, científicos e tecnológicos com os Estados Unidos da América têm outro valor, como de resto facilmente se percebe no dicionário de Aurélio.

Apesar de tudo, a verdade é que os portugueses de hoje em dia parecem, de algum modo, entender-se com os estrangeirismos provenientes do inglês e do alemão: em Lisboa, os eléctricos e autocarros fazem publicidade ao «*After Eight*» (exactamente

deste modo), no Porto pode encontrar-se, perto da Universidade, um *Campo Alegre Business Centre*, numa revista como *Pesca e Navegação* (ano VII, nºs 71 e 72 de Maio e Junho de 1987) há uma firma que ocupa uma página inteira com publicidade exclusivamente em inglês («*Play it cool baby refrigeration is more than just compressors*») e, no *Jornal de Notícias* (de 3/8/86) pode ler-se o seguinte título, sobre a região dos diamantes no Brasil «Garimpeiros <lumpen> proletariado de uma terra sem regra nem leis».

O modo como os portugueses pronunciam estrangeirismos deste tipo revela uma estratégia de adaptação fonética às convenções escritas e orais internas da língua portuguesa, na qual se deixam sistematicamente observar hábitos articulatórios assim como colocações de grafemas fundamentadas, que são suportadas pelos dois sistemas linguísticos em contraste. Nomearemos aqui apenas alguns desses fenómenos de adaptação fonética (veja-se a esse respeito Schmidt-Radefeldt 1986, pp. 275-278): os sons aspirados como o /h-/ inicial desaparecem (oqui), os sons líquidos tornam-se instáveis (frime < film), o som final atenua-se, verificando-se o «abrandamento» (parte < party) e surgem ainda fenómenos como a contracção, assimilação (/uóche/ < watch), dissimilação (cabói < cow-boy), ditongação (gingereilho)³, labialização (buassa < boss), metafonia (flarta < flirt), metátese ou transposição (pulovre < pullover), palatalização (bicoeitches < be quiet), junção protética (espiche < speech, esnobe < snob) ou epitética (felame < flame, setópe < stop) de /ð/, principalmente no som final (cheque, xerife, drinque), redução ou ajuntamento de fonemas ou sílabas (bisness < business, rosbife < roastbeef), e também síncope (refe < referee) ou apócope (dóla < dollar, drible < dribbling).

Fenómenos linguísticos como estes são particularmente evidentes na descrição do «*portinglês*» (uma língua-irmã do *franglais*)⁴ e são observáveis em portugueses com conhecimentos relativamente diminutos ou puramente imitativos do inglês. Durante o nosso projecto de investigação do já mencionado *Dicionário de Anglicismos e Germanismos* procurámos encontrar uma pronúncia normalizada e representativa dos «estrangeirismos», recolhendo gravações de portugueses com diferentes conhecimentos de línguas estrangeiras, com o intuito de poder estabelecer uma transcrição (aproximadamente) padronizada do uso linguístico, porém, justamente devido às diferentes formações dos falantes e às divergentes variantes que recolhemos, acabámos por notar a ineficiência desta tarefa e tivémos que desistir; em todo o caso surge pontualmente referida em entradas consideradas relevantes: sempre que foi possível registar uma pronúncia portuguesa padrão (em relação ao desvio da pronúncia original do estrangeirismo) à semelhança do que sucede na diferenciação entre *prononciation cultivée* e *prononciation populaire* do *Dictionnaire des Anglicismes* de Höfler (1982) registámos simultaneamente as duas possibilidades. Por um lado

3. No Aurélio (1975, p. 801) surge *jinjibirra* (< ingl. *ginger-beer*) com o sentido de «cerveja de gengibre», acrescentando-se criticamente que, se bem que esta forma ortográfica seja aceite pela Academia Brasileira, «Talvez fosse melhor gengibirra».

4. *Portinglês* veja-se a este respeito o *Anglo-Portuguese News*, Monte Estoril/Lisboa (22.05.1981), p. 1.

pode-se assim, de algum modo, regulamentar o processo de desenvolvimento dos anglicismos e germanismos (a conservação da pronúncia inglesa padrão proporciona conhecimentos pontuais do inglês destruindo assim barreiras comunicativas no caso dos internacionalismos); por outro lado, a descrição lexicográfica conserva através deste modo uma certa flexibilidade e permite um desenvolvimento dinâmico no sentido da nossa definição acima dada, permitindo-nos ainda não nos desviarmos muito dessa mesma definição. Os problemas levantam-se, apesar de tudo, devido à escolha dos falantes para esta *pronúncia popular* as metrópoles (Lisboa, Porto, Coimbra), as regiões frequentadas pelos turistas e os meios de comunicação desempenham a este nível um papel determinante.

3. A informação semantáctica e morfológico-gramatical

A maior parte dos anglicismos e germanismos da língua portuguesa encontram-se nas classes lexemáticas dos substantivos, verbos e adjectivos, manifestando-se o «*aportuguesamento*», sobretudo, através da sufixação:

- a) No âmbito dos nomes, e a par das terminações padrão de masculino em *-o* (p. ex. *zinco*) e *-e* (p. ex. *cheque*) e de feminino em *-a* (p. ex. *naifa*), são eles os sufixos
- *ança*, p. ex. *liderança*
 - *agem*, p. ex. *reciclagem*
 - *eiro*, p. ex. *roqueiro* (não comprovado no Brasil)
 - *ismo*, p. ex. *dandismo*, *kantismo*, *machismo* (o «empiriocriticismo» de Ernst Mach)
 - *ista*, p. ex. *banjoista*, *Kantista*
 - *or*, p. ex. *computador*, *transistor*

A formação padronizada do plural é marcada no «code écrit» através do *-s* final (p. ex. *cheques*), e em palavras que terminam em consoante através do *-e* epitético (p. ex. *líderes*, *pôqueres*, *transistores*, *dólares*, *repórteres*, *revólveres*). Um sistema diferente de formação do plural deve ainda ser indicado (p. ex. *lied*, pl. *lieder*; no lema *leitmotiv* em virtude do perigo de colisão morfológica com *motivos*? não é referido, no Aurélio, qualquer plural). No âmbito dos neologismos tecnológicos encontramos também, a par da estrutura corrente N + Prep + N, ocasionalmente a estrutura N-N (exemplos extraídos de Chandor et al. 1984):

capacidade de memória (memory capacity), impressora de caracteres (character print), representação de dados (data representation), teclado de entrada e inquérito (keyboard entry and inquiry), cartão-mestre (master card), palavra-índice (index word), palavra-máquina (machine word)

A par da construção N+Prep+N, a maior parte dos decalques seguem o modelo ingl. Adj+N > port. N+Adj.

b) No âmbito dos adjectivos encontram-se principalmente em uso os seguintes sufixos:

- (i)ano, p. ex. *Wronskiano, Goethiano, Kantiano, Kafkiano, Kepleriano, Keyserlinguiano*
- ino, p. ex. *nova-iorquino*
- ico, p. ex. *romântico*
- ista, p. ex. *Kantista, Kneippista* e mais raramente
- ante, p. ex. *zigzegueante*

c) Aparentemente, todos os verbos, sem excepção, se integram na classe dos verbos transitivos (verbo transitivo directo com o tema terminado em -a), sem que se desenvolvam particularidades semantáticas,

–ar, p. ex. *driblar, dopar, reciclar, implementar, computadorizar, zigzeguear* (e Aurélio acrescenta aqui: «conjugam-se como *frear*»), *digitalizar, assemblar, inicializar*.

Parece estar ainda em aberto o modo como se integrarão (e eventualmente pluralizarão) palavras como *dancing, marketing, doping, leasing, planning, timing, etc.*, que descrevem processos e acções complexos e que nesta sua forma conceptual e ortográfica não encontram qualquer elemento equivalente no português. À pluralização de anglicismos e germanismos, desde que estes ainda não estejam totalmente aporuguesados, deparam-se obstáculos linguísticos sistemáticos, que só o uso pragmático da língua resolverá - recorde-se a este nível os compostos e os grupos sintácticos⁵ ou ainda um germanismo como *krach*.

5. Para uma diferenciação entre compostos e grupos sintácticos veja-se Sandmann (1986: 167-189) que, com argumentos claros se pronunciou mais recentemente por uma decisão baseada em critérios semânticos; no que diz respeito à formação do plural destas palavras e grupos de palavras, o mesmo autor mostra a problemática e insegurança evidenciada no Aurélio. Para a construção do plural de alguns compostos veja-se também Hundertmark Santos Martins (1982: 54-56). No português, a problemática da formação e construção do plural dos compostos e de outras expressões linguísticas complexas, assenta numa outra série de lexemas, encontrando aí a sua ordenação e classificação conceptual enquanto unidades de sentido.

	DS		DM
Al.	Marken	/	artikel
Port.	artigo	\	de marca
	DM		DS

Ora quando numa estrutura composta do género V+N (Pl.) é necessário pluralizar o termo singular, o V pluraliza-se (p. ex. *lava-louça, porta-garrafas, cobre-misérias* e, analogamente, *fins-de-semana*; a pluralização de *lava-dente* (sg.), *lava-dentes* (pl.), seria, ao contrário, divergente, assim como *tamanduá-mirim* (sg.), *tamanduá-mirins* (pl.) e *tamanduá-açu* (sg.), *tamanduá-açus* (pl.) do Tupi (veja-se Aurélio, 1975). Cf. a este respeito Sandmann, 1986: 66, nota 2.

4. A definição do sentido e o limite contextual

Dado que um neologismo não encontra qualquer correspondente ou equivalente absoluto no seu novo universo linguístico e, conceptualmente, comporta uma série de características que *naquele modo ou forma* não existiam na língua-alvo não devem, no entanto, aqui ser consideradas palavras ou expressões da moda, através de cuja utilização um falante pretende demonstrar e impor uma certa diferença social em relação a outro falante (p. ex. conhecimentos de língua estrangeira, prestígio, comportamento elitista, cosmopolitismo, contactos e experiência internacionais) tornam-se necessárias, em português, complexas descrições lexicográficas do sentido e conceito do lexema. Nos casos em que se trata da nomeação ou descrição de novos «objectos» concretos, que se deixam indicar através de uma referência denotativa (quer dizer também através de representação pictográfica), convirá fornecer uma definição lexicográfica. Porém, e uma vez que nestes casos se trata frequentemente de co- e contextos linguísticos técnicos e/ou especializados, como acontece em *play-back*, *video-tape*, *check-up*, *design*, quer dizer, em que o respectivo sistema técnico, conceptual e linguístico está por detrás e tem de ter lugar no âmbito da definição, o problema põe-se em relação às «generalidades» ou «particularidades» que a definição pode ou deve conter, tendo sempre em vista o utilizador do dicionário.

Observemos o seguinte exemplo:

«No jogo de póquer (quando joga o coringo)⁶ é o lance em que o jogador apresenta cinco cartas do mesmo valor» (Aurélio, 1975, p. 633)

Será possível, a partir duma definição ou delimitação do conceito como esta, chegar ao lema, chegar ao lexema que deste modo se pretende *explicado*? Trata-se de um conceito de póquer, que pretende definir uma determinada cartada ou lance: *Five*. O exemplo da frase dá uma contextualização máxima, comportando o conceito «cinco» e determinando o lance. Perante exemplos deste género torna-se claro o modo como as palavras morfologicamente aportuguesadas, só por si, contribuem, através da indicação da categoria lexical, para a definição do conceito. *Através da integração morfológica produz-se também uma integração conceptual no processo de «aportuguesamento» de uma palavra*. Esta diferença, entre estrangeirismos (marcados no Aurélio com uma seta) e palavras não marcadas, integradas morfo-sintacticamente, torna-se perfeitamente clara no vocabulário do português.

Tomemos ainda outra definição de um conceito que o mesmo Aurélio (1975, p. 1484) dá para «zigzague». A palavra surgiu no português e no brasileiro através do francês (verificada já em Michaelis, 1887 e Dicionário Porto Editora entre outros).

6. Nesta entrada encontra-se a palavra *coringo*, que segundo Aurélio é um regionalismo de Pernambuco e Alagoas («moço de baraça» ou «pessoa feia e raquítica») e que pouco contribui para a indicação do sentido de *five*. Na entrada *póquer* (Aurélio, 1975: 1115) são definidas, no âmbito deste jogo, de uma forma enciclopédica as 5 jogadas – *royal straight flush*, *straight flush*, *flush*, *four e full hand*.

À semelhança de outras palavras e conceitos que lhe são próximos (como p. ex. *meandro* e *escada de caracol*), a explicação do sentido de «ziguezague» pode ter, na comunicação interactiva verbal, uma ajuda gestual (uma indicação «pragmática» do sentido).

ziguezague

1. Linha quebrada, ou sinuosa, que forma ângulos salientes e reentrantes alternados.
2. Maneira de andar em que se descreve esse tipo de linha.
3. Sinuosidade, flexuosidade; torcicolo.
4. Ornato em forma de ziguezague.
5. *Bras.* Passamanes de algodão ou de seda, constituídos por um cadarço estreito que forma alternadamente ângulos salientes e reentrantes.

O grande número de explicações do sentido e o seu grau de abstracção comprova a fase avançada de integração desta palavra no vocabulário luso-brasileiro, assim como a qualidade da diferenciação semântica do Aurélio.

Ora quando se consultam textos em que especialmente são de esperar estrangeirismos técnicos e especializados, o sentido desses estrangeirismos só em casos muito raros se deixa perceber contextualmente. Num caderno especial do *Expresso* (Abril de 1983) dedicado ao «3º Encontro Nacional de Informática» pode ler-se, na página 22, um anúncio com o seguinte cabeçalho: «Mark 20- Time-Sharing: Na senda do progresso a Time-Sharing põe à disposição dos seus clientes um novo sistema... “novos packages”». De seguida surge uma figura representando uma espécie de programa decisório esquemático com o Mark 20 no centro. Um dos seis pontos de conexão do TSAM é assim caracterizado nas suas funções: «Análises estatísticas e econométricas: Forecastings, relatórios de gestão, Marketing Research, Modelos de equação simultâneas, gráficos» etc. O anúncio acaba finalmente com uma seriação/ associação de ideias e conceitos: *Hardware* → *Software* → *Capacidades Humanas* → *Time Sharing Mark 20*. Um dicionário dos estrangeirismos do português que fornecesse os lexemas acima mencionados e o seu sentido seria indubitável e necessariamente de grande utilidade⁷. Em qualquer caso, no registo de entradas deste género num Dicionário de Anglicismos, deveriam sempre ser anotados os domínios técnicos especializados a que os lexemas pertencem: a par de áreas mais globais e gerais como *Mat.* (matemática), *Fis.* (física) e *Quim.* (química), existem outros domínios mais especializados como *Mat. Fin.* (anceira), *Mat. sup.* (erior) ou *Pet.* (petrografia), *Min.* (mineralogia), *Electron.* (electrónica), *G. quim.* (guerra química),

7. O Dicionário de Computadores (1984) de Anthony Chandor/John Graham/Robin Williamson é uma tradução do inglês. Como estrangeirismos, no português, conservam a sua forma ortográfica e fonética original *output, input, feedback, stop, string, software, hardware, drop-in, drop-out, duplexing, half-duplex, hard copy, blast, bit, teste, leapfrog e splicer*. Com a ajuda deste dicionário, o vocabulário técnico informático foi transferido para o português numa forma padronizada, permitindo assim ao utilizador uma mais fácil entrada nesse «mundo dos computadores».

Magn. (magnetismos), *Proc. dados* (processamento de dados), *Acust.* (acústica) e *Aer.* (aeronáutica). O número de siglas deste género, destinadas a coordenar e indicar os saberes técnicos especializados, não pode ser exaustivo, uma vez que, por um lado, não existe ainda uma sistematização dos saberes universalmente aceite e, por outro lado, justamente porque uma tal diferenciação dos mais novos desenvolvimentos das investigações (quer ao nível das ciências físicas, ditas naturais, quer ao nível das ciências humanas e sociais), reflecte e tem que prestar a devida atenção a esta diversidade. Este dilema da lexicografia técnica especializada é da maior importância no que respeita à qualidade do registo das entradas de um dicionário⁸.

5. A situação dos germanismos num âmbito cultural e linguístico

O contacto intercultural entre línguas (ou melhor, entre a língua falada pelos grupos sociais de uma determinada comunidade linguística), tal como hoje, em conjunto com a aceitação e integração de estrangeirismos e novos conceitos na forma de anglicismos, se verifica em muitas línguas, está antes de mais impregnado, histórica, espacial e temporalmente, de relações referenciais e de necessidade. Este contexto, determinado histórica e temporalmente, esta relação, determinada cultural e historicamente, entre países e comunidades linguísticas tem, de qualquer modo, que ser sempre considerada como pano de fundo, como elucidativamente o demonstram os anglicismos e germanismos em português: *a história dos estrangeirismos é um reflexo da história das culturas*.

As ciências, tal como se desenvolveram na Alemanha, tiveram numa determinada época um renome internacional – lexicograficamente pode por exemplo reconstruir-se no vocabulário do português a grande influência de termos provenientes da mineralogia ou ainda de contactos (histórico-políticos) contemporâneos (III Reich – Salazarismo). Paralelamente valerá ainda a pena indicar outros domínios, como o folclore, o turismo, a moda e a música, que apresentam de um modo relativamente constante a transferência de termos e conceitos. A aceitação da comunidade linguística em relação a estes novos termos é mesmo, em áreas como estas, particularmente boa, já que os estrangeirismos ou conceitos assim aceites preenchem lacunas e falhas, fornecendo simultaneamente informações complementares em domínios que até esse momento estavam insuficientemente documentados. No caso do português isso aplica-se em particular a domínios técnicos e científicos, onde para novas «coisas» se tornam também absolutamente indispensáveis novas «palavras».

Depois de em duas comunicações anteriores termos tratado principalmente dos

8. A listagem das «Abreviaturas, siglas e sinais convencionais usados neste Dicionário» de Aurélio (1965; 1975, XVIII-XIX) denota algumas preferências (que seriam discutíveis e, como tal, rejeitadas pelo sistema educacional contemporâneo do Brasil): estão neste caso, p. ex., a referência a diversas álgebras (álgebra abstrata/moderna/superior), geometrias (geometria analítica/dedutiva/descritiva/diferencial), engenharias (engenharia civil/eléctrica/electrónica/industrial/nuclear) ou, ao nível do direito, o direito internacional/marítimo.

anglicismos em português, e depois de Herculano de Carvalho (1983) e outros terem compilado os empréstimos germanico-góticos de épocas recuadas, gostaríamos agora, aqui, de nos voltar para os germanismos contemporâneos.

Uma primeira tentativa de classificar e ordenar alguns germanismos em função de áreas culturais e linguísticas, poderia ser feita do seguinte modo:

Áreas	Germanismos (al., neerl.)
(Mineralogia)	blenda, hornblenda, pechblenda, cobalto, drusa, espalto, espato, feld(e)spato, feldspático, glauberite; gnaïsse, gnaïssico; níquel; potassa, quar(t)zo; zinco, volfrâmio, volframite.
(Química, Petrografia)	bismuto, gusa («Eisenduß»), hornfel (< Hornfels = cornubianito)
(Botânica)	edelvais, turfa (< Torf)
(Biologia)	dom-fafe (†)
(Medicina)	mesmerico, mesmeriano
(Técnica)	bremsstrahlung, Diesel, Funk
(Linguística)	ablaut
(Filosofia)	weltanschauung, («cosmovisão» segundo Aurélio), superhomem (decalque: "Übermensch")
(Música)	gebrauchsmusik, leitmotiv, lied, singspiel
(Moda)	Kitsch; manequim, mofo («Muff»), kepi
(História contemporânea) (Política) (Guerra)	Kultur, Kulturkampf, Kaiser Kronprinz, risdale (< Reichstaler), táler, Afrika Korps, anschluss, blitzkrieg, (decalque: guerra relâmpago), ersatz, estu- ca, feldmarechal, führer, gestapo, hinterland, hitleriano, nazi, nazismo, nazista, reich, reichsweher, realpolitik, ostpolitik
(Bolsa)	krach (se bem que depois de 1989 se assista a uma maior utilização de «crash»)
(Desporto)	bock
(Alimentação)	chope (Faßbier), chucrute, leberquise, kirsch/quirche, boque (<Bock = "Starkbier")
(Folclore)	quermesse (originalmente do flamengo)

(Regionalismos)	alpenglow, alpenhorn, talvegue, estepa, blocausse, bloco, crancelim (< Kränzlein), Frankenstein, frau, fräulein (Kinder mädchen), hamburger, hansa, kirchturmspatriotismus, burgomestre, kneipismo, zilerita (< Zillertal)
(Meios de Transporte)	land(e)au, zeppelin, volkswagen
(Formas de Movimento)	ziguezague

Decalques:

port.	jardim de infância < al. Kindergarten (1943) (anglicismo?)
	milagre económico < Wirtschaftswunder
	testa-de-ponte < Brückenkopf
	trunfo na manga < Triumph im Ärmel

E como se registam algumas destas entradas no Aurélio (1965, 1975)? Todas as palavras estrangeiras são assinaladas com uma seta:

- > *Blitz* (blits) (Do al. *blitzkrieg*) S.f. 1. *Blitzkrieg* 2. Batida policial de improviso e que utiliza grande aparato bélico (Pl. *blitze*).
- > *Blitzkrieg* (blitskrig) (Al.) S.m. Guerra-relâmpago (Tb. us. abreviadamente *blitz*) (Aurélio, p. 210).
- > *Gestapo* (gues) (Al., das iniciais de *Geheime Stattpolizei* “Polícia Secreta do Estado”) S.f. Designação da polícia secreta alemã ao tempo do nazismo (Aurélio, p. 685).
- > *Kitsch*. (kitch) (Al.) Adj. 2 g. e 2 n. Diz-se de material artístico, literário, etc. considerado de má qualidade, em geral de cunho sentimentalista, sensacionalista, imediatista, e produzido com o especial propósito de apelar para o gosto popular. (Aurélio, p. 810).
- > *Leitmotiv*. (laitmotif) (Al., “motivo conductor”) S.m. 1. *Mús.* Tema associado, no decurso de todo o drama musical, a uma personagem, uma situação, um sentimento, ou um objeto. 2. P. ext. Tema ou ideia sobre a qual se insiste com frequência (Tb. se usa o correspondente vernáculo, *motivo conductor*). (Aurélio, p. 828).
- > *Lied*. (lid) (Al.) S.m. 1. *Mús.* Poema estrófico, geralmente sentimental e

destinado ao canto. 2. *Mús.* Canção escrita sobre esse poema, e que se caracteriza pela unidade de inspiração entre a música e a poesia. 3. *Mús.* Na música instrumental, estrutura especial em que geralmente se escreve o segundo movimento (lento) da sonata, e que se baseia num tema principal semelhante ao da canção alemã, ou comporta duas, três e até cinco seções (Pl. *lieder* Cf. *lead*). (Aurélio, p. 837).

—> *Nazi*. (Do al. *Nazi*, f. abrev. de *Nationalsozialist*, “nacional-socialista”) Adj. 2 g. e s. 2 g. V. *nazista*.

—> *Nazi-fascista*. Adj. 2 g. 1. Relativo a, ou próprio do nazismo e do fascismo. 2. Que é partidário ou simpatizante do nazismo ou do fascismo S. 2 g. 3. Partidário ou simpatizante dos dois. (Pl. *nazi-fascistas*).

—> *Nazismo*. (De *nazi+ismo*) S.m. Movimento chauvinista de direita, alemão, nos moldes do fascismo, imperialista, belicista, e cuja doutrina consiste numa mistura de dogmas e preconceitos a respeito da pretensa superioridade da raça ariana, sistematizados por Adolf Hitler (1889-1945) em seu livro *Minha Luta*; o fascismo alemão.

—> *Nazista*. Adj. 2 g. 1. Relativo ao nazismo. 2. Que é adepto ao nazismo S. 2 g. 3. Adepto desse partido (Sin. *nazi* v. e *nacional-socialista*). (Aurélio, p. 966).

—> *Níquel*. (Do al. *Nickel*) S.m. 1. Quím. Elemento de número atômico 28, metálico, branco-prateado, denso, usado em ligas e como catalisador (Simb. *Ni*). 2. *Bras.* Designação comum às moedas divisionárias feitas com esse metal. 3. *Pop. V. dinheiro* (3): *Sai do negócio sem níquel* (Pl. *níqueis*, do v. *nicar*).

—> *Niquelagem*. S.f. Operação de niquelar.

—> *Niquelar*. (De *níquel+ar*) V.t.d. 1. Cobrir ou guarnecer de níquel 2. Dar aparência de níquel a.

—> *Niquelfero*. (De *níquel+fero*) Adj. Que contém níquel.

—> *Niqueltipia*. (De *níquel+tip(o)+ia*) S.f. *Tip*. Galvanotopia com electrodeposição de níquel, em vez de cobre.

—> *Níqueltipo*. (De *níquel+tipo*) S.m. *Tip*. Galvanoníquel q.v. (Aurélio, p. 974).

As setas e os parêntesis curvos, com alternativas de pronúncia ou variantes ortográficas, mostram no Aurélio uma integração ainda não totalmente completa e encerrada das palavras primeiras citadas. Estas entradas e cada uma delas, constituem-se como *conceitos isolados* que não podem ainda fundar ou integrar-se em famílias de palavras. Frases, a título de exemplo, não são dadas.

Ao contrário, *nazi* e *níquel* surgem em diversas classes de palavras, apresentam desenvolvimentos semânticos diferenciados e são elementos que fazem parte do vocabulário político contemporâneo (enciclopédico) e técnico luso-brasileiro. Apenas um único exemplo de frase é fornecido no registo de *níquel* (+ popular), no sentido de «dinheiro» (*Sai do negócio sem níquel*).

6. A questão dos exemplos no registo das entradas

Aparentemente existem dois tipos de frases que podem ser tomadas como exemplos numa entrada lexicográfica em relação a um lema:

- com uma função de documentação (puramente científica), em que é fornecida a ocorrência, autêntica, do lema numa frase, frase essa que é geralmente uma citação de uma fonte. Documentação textual deste género é, em termos de datação, imprescindível.
- uma frase exemplar, construída, que inclui o lema em questão e cujo contexto é determinado semanticamente na frase. Neste caso poder-se-ia falar de uma função de exploração heurística tendo em vista o uso do utilizador.

Em relação à aquisição da língua (e sem dúvida tanto em relação à primeira como à segunda aquisição da língua) o último caso tem um interesse primordial. Vale a pena chamar aqui a atenção para a utilidade de exemplos deste género, tal como eles nos são dados pelo dicionário idiomático de Schemann/Schemann-Dias (1979), com frases e diálogos exemplares⁹.

Um dicionário dos anglicismos e germanismos poderia limitar-se a fornecer frases curtas e pregnantes como exemplo, por meio das quais, o lema, na sua função e utilização se tornasse claro. Dum ponto de vista lexicográfico, o exemplo desejável seria naturalmente uma ocorrência autêntica, tal como acontece nos dicionários de anglicismos do francês de Höfler (1982) ou de Rey-Debove/Gagnon (1989).

9. Um dicionário idiomático tem pretensões e objectivos bastante particulares e especiais, diferenciando-se de outros dicionários em aspectos fundamentais (cf. a este respeito Schmidt-Radefeldt, 1984, pp. 79-81); aparentemente, os anglicismos e os germanismos não encontraram ainda na idiomática portuguesa qualquer aceitação ou influência.

7. A lexicografia bilingue¹⁰

À pergunta em que medida são registadas entradas de anglicismos e germanismos nos dicionários mono ou bilingues mais recentes, só um estudo sistemático e contrastivo desses dicionários poderia dar uma resposta cabal¹¹. Dado que uma tarefa deste género resultaria particularmente volumosa, gostaríamos, no âmbito destas páginas, de nos limitarmos apenas a algumas amostras que ocorrem em dicionários bilingues de português-alemão. Um estudo comparado deste tipo, que considerasse os dicionários de português-alemão de Irmen (1954, 1966), o dicionário Porto Editora (1986) e o de Klare (1986), mostraria que determinados anglicismos e germanismos da 3ª fase (veja-se *supra*) não se encontram em qualquer destes dicionários (*corned beef, feedback, duty free, input, output, hardware, software, dancingue, grill room, hamburger* entre outros), mostraria também que outros lemas (*hansa, hertziano*) não surgem em qualquer dos três, e, finalmente, que outros ainda surgem somente em um ou outro (*desígnio* e *huri* no dicionário Porto Editora, *icebergue* somente nos dois últimos). Faltam muitas vezes explicações mais completas e alargadas de conceitos de lexemas e elementos morfológicos que estão já disponíveis no vocabulário, em particular de conceitos tecnológicos (como p. ex. *implementar, modular, optimização*), se bem que em Klare (1986) sejam de facto, frequentemente, referidos conceitos mais recentes.

Um estudo comparado dos dicionários bilingues pode portanto ajudar a tornar mais claros os desenvolvimentos do português padrão (fenómenos de aceitação), particularmente em relação aos neologismos da ciência e da técnica e ao modo como estes novos termos se «aportuguesam». Também a questão da origem e identidade dos lexicógrafos que compilam um dicionário mesmo no que respeita à recolha de anglicismos demonstra ser relevante e pode ter algum efeito na quantidade dos lemas registados. Dado que os dicionários de português-alemão foram compilados por lexicógrafos alemães (da R.F.A. e da antiga R.D.A.), houve muitos anglicismos que, por esse motivo, não foram incluídos, na medida em que se partia do princípio que o utilizador teria conhecimentos bastantes e suficientes do inglês (particularmente no que concerne aos internacionalismos), ou ainda por se considerar ter esse mesmo utilizador um comportamento algo distanciado em relação aos anglicismos, o que não deve no entanto ser confundido com uma valorização ou desvalorização do purismo linguístico. Considerações deste género não se aplicam no entanto ao utilizador português. Para se chegar a um inventário linguístico equilibrado, que de facto reflecta o que se passa ao nível da língua, dever-se-ia recorrer ao vocabulário padrão dos dois

10. Uma vez que não podemos aqui tratar as questões fundamentais levantadas por esta temática, veja-se, a este respeito e a título de exemplo, o artigo de Kromann/Riiber/Rosbach (1984) e a monografia sobre a lexicografia de G. Haensch/L. Wolf/S. Ettinger/R. Werner (1982), em especial as pp. 512-536.

11. Um recente estudo comparativo dos dicionários lusobrasileiros (Morais, Aulete, Nascentes e Aurélio) foi feito por Clóvis B. de Morães (1984) e está publicado nos *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. O seu objectivo era o de mostrar as deficiências formais dos referidos dicionários. Com respeito às problemas da lexicografia das linguagens técnicas cf. Thielemann (1989) e Franzke (1990).

sistemas linguísticos, à área linguística luso-brasileira assim como ao domínio linguístico alemão com o intuito de recolher, ampla e o mais completamente possível o vocabulário comum, incluindo aqueles casos de neologismos, anglicismos e germanismos que se encontram num e noutro sistema¹².

Qualquer tarefa lexicográfica de maior envergadura, ou seja, também o projecto da Universidade de Bochum dum dicionário de alemão-português não pode pôr ou deixar de lado a grande quantidade de anglicismos e germanismos dos vocabulários português e alemão actuais. Dicionários especializados de algumas disciplinas científicas assim como outros dicionários de anglicismos e germanismos têm que ser examinados e consultados no sentido de encontrar os lemas que hoje em dia encontram um uso corrente na língua padrão. O uso corrente e contemporâneo da língua apresenta novos desenvolvimentos que constituem um desafio à lexicografia bilingue.

Prof. Dr. Jürgen SCHMIDT-RADEFELDT
Habichtsweg 37
D-2300 Kiel

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ieda Maria. 1984. «A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português» in: *Alfa*, São Paulo, 28, supl., 119-126.
- AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA. 1965, 1975. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- CHANDOR, Anthony, GRAHAM, John, WILLIAMSON, Robin. 1984. *Dicionário de Computadores*. Coordenação e tradução de Carlos Braz Lopes e Teresa Braz Lopes. Porto, Editorial Domingos Barreira.
- COSTA, J., ALMEIDA, A., Sampaio e Melo. s.d.. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5ª edição, Porto Editora.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. 1982. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DE FIGUEIREDO, Cândido. 1924, 1981. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Amadora, Liv. Bertrand.

12. O *Wörterbuch der Anglizismen im heutigen Deutsch*» (Cf. Reichmann/Weigand, 1980 e Kirkness/Weigand, 1983) constitui a este título um elucidativo e proveitoso quadro comparativo para o *Dicionário dos Anglicismos e Germanismos*.

Agradeço ao colega Fernando Clara a tradução portuguesa deste texto.

- Dicionário da Língua Portuguesa*. 1976. Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. 1 (A-Azuvertê).
- Dicionário Porto Editora*. 1986. Alemão/Português, Português/Alemão. Porto, Porto Editora.
- FRANZKE, Lutz, 1990. «Lemmata - Äquivalente - Explikationen im polytechnischen Wörterbuch» in : *Lusorama* 13 (1990) 21-30.
- HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar, ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. 1982. *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Gredos.
- HAUSMANN, Franz Josef. 1985. «Lexikographie» in: *Handbuch der Lexikologie*, ed. por Christoph Schwarze e Dieter Wunderlich. Königstein/Ts., Athenäum, 367-411.
- HERCULANO DE CARVALHO, José G., 1983. «Germanismos ou Galicismos?» in: *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France. Actes du Colloque*. Fondation C. Gulbenkian. Centre Culturel Français, Paris. 625-631. Reimpressão: J. G. Herculano de Carvalho, *Estudos Linguísticos*. Coimbra, Coimbra Editora. 1984, Vol. 3, 291-302.
- HÖFLER, Manfred. 1982. *Dictionnaire des Anglicismes*. Paris, Larousse.
- HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa. 1982. *Portugiesische Grammatik*. Tübingen, Niemeyer.
- IRMEN, Friedrich. 1954, 1966. *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch-Deutsch*, 1a Parte Berlin, München, Zürich, Langenscheidt.
- KIRKNESS, Alan, WEIGAND, Herbert Ernst. 1983. «Wörterbuch der Anglizismen im heutigen Deutsch» (Diskussion zum Kolloquium vom 17. Januar bis 19. Februar 1983 an der Universität GHS Paderborn), in: *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 11, 1983, 321-328.
- KLARE, Johannes. 1986. *Wörterbuch Portugiesisch-Deutsch*, Leipzig, VEB.
- KROMANN, Hans-Peter; THEIS, Riiber; ROSBACH, Poul: 1984. «Überlegungen zu Grundfragen der zweisprachigen Lexikographie» in: *Germanistische Linguistik* 3-6, 1984, 159-238.
- LELLO. 1979. *Dicionário Prático Ilustrado*. Novo Dicionário Enciclopédico Luso-brasileiro publicado sob a direcção de Jaime de Séguier. Edição actualizada por José Lello e Edgar Lello, Porto, Lello & Irmão.
- MESSNER, Dieter. 1990. «Os jornais portugueses como fonte importante para a primeira datação de palavras.» In : *Lusorama* 13 (1990) 31-36.
- MICHAELIS, H., 1887, 1934. *Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprachen mit besonderer Berücksichtigung der technischen Ausdrücke des Handels und der Industrie, der Wissenschaften und Künste und der Umgangssprache*. 2 vol., Leipzig, Brockhaus.
- MORÃES, Clóvis B. de. 1984. «Tarefas prioritárias de lexicografia portuguesa» in: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 6, 1984, 169-180.
- REICHMANN, Oskar; WEIGAND, Herbert Ernst. 1980. «Wörterbuch der Anglizismen im heutigen Deutsch» (Kolloquium vom 14.16. Februar 1980 an der Universität GHS Paderborn) in: *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 8, 1980, 328-343.
- REY-DEBOVE, Josette, GAGNON, Gilberte. 1980. *Dictionnaire des Anglicismes - Les mots anglais et américains en français*. Paris, Les "usuels" du Robert.
- SANDMANN, Antônio José. 1986. *Wortbildung im heutigen brasilianischen Portugiesisch*. Bonn, Romanistischer Verlag.
- SCHEMANN, Hans, SCHEMANN-DIAS, Luiza. 1979. *Dicionário Idiomático Português-Alemão. As expressões idiomáticas portuguesas, o seu uso no Brasil e os seus equivalentes alemães*. Braga, Cruz e München, Hueber.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. 1984. «Portugiesisch-deutsche Idiomatik» in: *Iberoamericana* 10, 77-85.

- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. 1986. «Anglicisms in Portuguese and language contact» in: *English in Contact with other Languages. Studies in Honour of Broder Carstensen*, ed. por Wolfgang Viereck e Wolf-Dietrich Bald. Budapest, Akadémiai Kiado, 265-285.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. 1988. «O fenómeno linguístico do “aportuguesamento” das palavras inglesas» in: *Actas do Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor*. Porto, Universidade do Porto, 29-39.
- SILVEIRA, Alípio. 1952. «Os quatrocentos anglicismos de nosso vocabulário» in: *Verbum* 9, Rio de Janeiro, 365-402.
- SILVEIRA, Alípio. 1960. «Mais uma centena de anglicismos» in: *Verbum* 17, Rio de Janeiro, 342-366.
- THIELEMANN, Werner. 1989. «Fachsprachliche Inhalte - fachsprachlicher Ausdruck - stilistische Angemessenheit». In : *Lusorama* 10 (1989) 33-47.
- WEIGAND, Herbert Ernst. 1985. «Eine neue Auffassung der sog. lexikographischen Definition» in: *Symposium on Lexicography*. May 16-17, 1984, at the University of Copenhagen, ed. por Karl Hyldgaard-Jensen e Arne Zettersten. Tübingen, Niemeyer.